

Caminho: origem, estilo e fontes

Poucos autores espanhóis do século XX publicaram mais de quatro milhões e meio de livros em mais de trinta e cinco línguas diferentes. Um livro de "considerações espirituais", intitulado Caminho, inclui Josemaria Escrivá nesta lista.

31/03/2026

Nueva Revista (2002) *Caminho*.
Edição histórico-crítica

Este ano, centenário do nascimento deste autor, é também uma boa ocasião para considerar, setenta anos após sua primeira pré-edição, a gênese e a estrutura deste *long-seller* da literatura espanhola, que, devido às suas inúmeras traduções, está a *Caminho* de se tornar também um sucesso de vendas universal. Antonio Fontán comenta a edição histórica e crítica do livro, recentemente publicada.

Em dezembro de 1932, São Josemaria, utilizando um daqueles sistemas de múltiplas cópias da época, que hoje pareceriam mais do que primitivos, imprimiu um folheto ou caderno de "Conselhos ou considerações Espirituais", que totalizava 246 textos, e no primeiro deles podiam ser lidas estas palavras: *Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rasto. - Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor.* Estes 246 textos de 1932,

reproduzidos na íntegra, fazem parte dos 999 textos da edição de 1939 de *Caminho*, como a conhecemos hoje. Na parte inferior dos exemplares desse livreto estava escrito: "dezembro de 1932".

Portanto, uma quarta parte de *Caminho* já estava disponível e nas mãos de muitas pessoas naquela época. Em uma das notas da edição histórico-crítica analisada aqui, o *professor* Pedro Rodríguez transcreve alguns trechos de uma carta de Isidoro Zorzano para Josemaria Escrivá, datada em Málaga, no dia 19 de janeiro de 1933, na qual ele agradece o *livreto* e comenta o benefício espiritual e moral que obtém ao lê-lo e meditar sobre seu conteúdo.

No ano seguinte, em 1933, Escrivá edita, utilizando um método semelhante, um segundo livreto com 87 textos distribuídos em dezenas de

exemplares. Seu público-alvo, assim como o primeiro, era principalmente composto por estudantes universitários — homens e mulheres —, jovens profissionais, alguns sacerdotes e pessoas de diversas classes sociais, entre os quais exercia seu ministério sacerdotal e seu atraente magistério humano.

Juntando os dois cadernos, os textos publicados já totalizavam 333, número que não surgiu por acaso, mas que, na mente do autor, como observa Pedro Rodríguez, evocava o mistério da Santíssima Trindade, assim como, anos mais tarde, aconteceria com os 999 pontos do *Caminho*.

Em 1934, o número de pessoas — na sua maioria estudantes universitários — que se reuniam em torno do fundador do Opus Dei já não era de algumas dezenas; eram várias centenas. Independentemente

de pertencerem ou não à Obra, eram simplesmente pessoas que se beneficiavam da sua orientação espiritual e formação cristã. Tinham-no ouvido falar em meditações, em conversas pessoais e em reuniões e grupos de estudo na Academia DYA e em outros lugares, incluindo a chocolateria *El Sotanillo*, perto da *Puerta de Alcalá*, em Madrid. Os cadernos fotocopiados dos dois anos anteriores já não eram suficientes, e os jovens queriam e precisavam que dom Josemaria desse um passo além. Precisavam de um livro de leitura e meditação, um livro modesto, uma vez que os recursos eram extremamente limitados e as editoras religiosas destinavam-se a um público diferente com os seus livros de devoção e leitura cristã. Principalmente naquela década de 1930, era aconselhável que o texto que fosse entregue aos leigos e leigas — pessoas do mundo que viviam, estudavam ou trabalhavam nas

profissões liberais — tivesse as então essenciais aprovações eclesiásticas, sem as quais não deixariam de surgir suspeitas entre gente boa, mas antiga.

Os 333 textos de 1932 e 1933 foram acrescentados por mais cem

A publicação de um livro como esse foi o que Josemaria Escrivá fez em julho de 1934 com suas *Considerações Espirituais*, impressas em Cuenca em 500 exemplares que chegaram a Madri, à Academia DYA, na terça-feira, no dia três daquele mês. O pequeno livro continha 435 — ou 436, dependendo da contagem — textos, quase metade do número da edição definitiva de 1939 de *Caminho*. Pode-se dizer que esta foi a primeira, ou preliminar, edição do livro, do qual milhões de exemplares circularam pelo mundo em mais de

vinte idiomas ao longo dos últimos sessenta anos.

Em 1966, seu autor concedia uma extensa entrevista ao ilustre jornalista francês, o falecido Jacques Guillemé-Brulon, publicada no jornal parisiense *Le Fígaro* em 16 de maio daquele ano. Respondendo a uma pergunta incisiva do entrevistador sobre *Caminho*, Escrivá fez algumas observações muito interessantes sobre o livro, sua história e seu propósito: “Escrevi”, disse ele, “boa parte desse livro em 1934, resumindo minha experiência sacerdotal para todas as almas a quem me dirigia — fossem membros do Opus Dei ou não”. “Jamais suspeitei”- acrescenta, “que trinta anos depois alcançaria uma difusão tão ampla — milhões de exemplares — em tantos idiomas”.

Em seguida, São Josemaria Escrivá oferecia uma interpretação — a interpretação “autêntica”, do próprio

autor — do que é *Caminho*. “Não é”, diz ele, “um livro apenas para membros do Opus Dei; é para todos, até mesmo para os não cristãos. Não é um código do homem de ação. Pretende ser um livro que conduza a um relacionamento e ao amor a Deus e ao serviço a todos” .

Finalmente, em outubro de 1939, foi publicada, em Valência, a primeira edição de *Caminho*, que desde então sofreu apenas duas ou três pequenas modificações (simples alterações ou revisões do autor). O *Caminho* de hoje, aquele analisado e explicado em suas fontes, sua história e seu contexto histórico, humano e cultural pelo *Professor* Pedro Rodríguez nesta edição monumental, é o *Caminho* de Escrivá, o livro como ele pretendia oferecê-lo ao mundo. É o livro – dele e de mais ninguém – com o qual o autor, embora não o tivesse pretendido, e até mesmo relutasse em admitir, conquistou um lugar de

honra na história literária – e teológica – da espiritualidade cristã.

***O Caminho* de 1939**

À primeira vista, uma leitura superficial de *Caminho* pode parecer a alguém uma coleção de máximas, aforismos, pronunciamentos e experiências ou recomendações espirituais para cristãos, que, diga-se de passagem, são frequentemente expressas com brilhantismo. Mas uma leitura reflexiva e ponderada, como a que o engenheiro Zorzano empreendeu em janeiro de 1933 com a primeira série de "considerações espirituais", revela algo que o autor queria oferecer àqueles que se aproximassem de seu livro com "um mínimo de espírito sobrenatural, vida interior e zelo apostólico". Em suma: o que o próprio título promete, um *Caminho*. Para o qual não é necessário ser membro do Opus Dei. Aliás, confiando na autoridade de

Escrivá, poderíamos dizer que *Caminho* "é para todos, até mesmo para os não cristãos". Ele próprio disse isso ao meu amigo, o jornalista francês, de quem nós, os colegas que o conheciam, nos lembrávamos com tanto carinho.

O *professor* Pedro Rodríguez, teólogo e jurista, foi o autor, há treze anos, da edição crítica do *Catecismo Romano* do Concílio de Trento, compilada a partir de manuscritos encontrados no rico acervo da Biblioteca Vaticana. Esses manuscritos não haviam sido lidos ou estudados por nenhum dos editores desta obra fundamental para a história da doutrina católica na Idade Moderna. Ele é, portanto, um profissional experiente em ambiciosos projetos editoriais envolvendo escritos importantes, no exame e comparação de fontes e na contextualização dos resultados de sua pesquisa dentro dos contextos

culturais e históricos em que as obras foram compostas.

Para este livro, teve a oportunidade de examinar manuscritos de São Josemaria Escrivá, que são fontes para os textos de *Caminho*, bem como uma vasta documentação relacionada ao autor, conservada nos arquivos gerais da Prelazia do Opus Dei.

Uma primeira conclusão extraída desta edição crítico-histórica é que não há praticamente nenhuma novidade e nenhum problema com o texto literal do livro. A versão de *Caminho* que temos é aquela que o autor quis, onde não há palavra ou sinal de pontuação que não tenha sido posto por ele. Podem existir erratas nas edições em espanhol, como acontece com quase todas as obras impressas. Há também algumas diferenças entre as diversas versões em outros idiomas,

principalmente quando foram feitas por diferentes tradutores, ou quando eles tentaram verter ao novo idioma expressões muito tradicionais ou populares na língua castelhana ou de sempre. Por exemplo, quando um religioso diz a um visitante do mosteiro, que comentava sobre a dureza da vida monástica: "Assim você quis padre, assim você tem." (Esse fato ocorreu realmente no mosteiro de Silos, quando o famoso liturgista beneditino Germán Prado, amigo de Escrivá, o acompanhava, juntamente com alguns amigos porto-riquenhos, em uma visita ao mosteiro). Ou quando se fala da moeda de cinco pesetas, que depois se explicou aos futuros leitores espanhóis da geração do euro etc.

Muitos dos textos de *Caminho* baseiam-se em anotações pessoais do autor, recentes ou antigas, datadas entre 1930 e 1939. Esses documentos

contêm notícias, histórias, orações e reflexões — ecos da própria vida espiritual do autor — que ele registrava como lembretes para sua meditação ou oração pessoal, para informar seu confessor ou para pregação e seu papel como conselheiro ou diretor espiritual daqueles que o procuravam. É evidente também que alguns desses escritos mais íntimos registram as experiências espirituais de Escrivá, nas quais, aos olhos de um cristão de fé, a ação paternal e personalizada da divina providência transparece — ou se manifesta — sob a forma de graças especiais ou manifestações extraordinárias, dessas que ocorrem raramente na vida dos santos. (O reconhecimento da santidade de Escrivá, que o Papa João Paulo II, em nome da Igreja e com a autoridade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e a sua própria, anunciou que seria proclamado em 6 de outubro de 2002, permitiu ao leitor de *Caminho* e

do imenso volume editado por Pedro Rodríguez expressar-se nesses termos. Eu não teria ousado usá-los publicamente se essa informação oficial já não tivesse sido divulgada).

Embora suas páginas revelem a vasta cultura teológica e literária do autor — Sagrada Escritura, os Padres da Igreja, Doutores da Igreja, teólogos, literatura espiritual e clássicos espanhóis —, *Caminho* não é um livro extraído de outros livros ou da memória de alguém. É um livro que se baseia na vida espiritual e sacerdotal do autor, na experiência e nos frutos ou resultados — os sucessos e os fracassos — de seu trabalho apostólico, em suas interações com as pessoas e, em muitos lugares e contextos, na observação das relações humanas e da vida social contemporânea, e até mesmo dos fenômenos e pequenos eventos da Natureza.

A arquitetura de *Caminho*

Quando jovem, Escrivá queria ser arquiteto, e sua mente e ações, mesmo quando pareciam vulcânicas, eram sempre racionalmente organizadas. Quando disse que um cristão deveria agir com base no princípio de que não basta somar dois com dois, mas que em assuntos espirituais é preciso acrescentar um terceiro termo, "o mais Deus", foi porque sua Fé lhe dizia que seria assim e sua experiência pessoal no apostolado lhe confirmava. De qualquer forma, o estudo de *Caminho*, realizado pelo autor desta edição, comprova que o livro possui uma estrutura bem definida. Em sua intenção e em sua execução, *Caminho* é um livro solidamente organizado.

Pedro Rodríguez distingue nele três partes ou seções que, em sua opinião, se diferenciam claramente dentro da

unidade do livro. Ao longo delas, quem lê ou medita o livro é conduzido pelo autor, como pela mão, subindo por um plano inclinado rumo à perseverança no *Caminho* que o conduz a Deus.

Segundo a análise de Pedro Rodríguez, a primeira das três partes de *Caminho* seria a dos "começos ou do seguimento de Cristo", desde a primeira decisão — a do famoso primeiro ponto — até uma vida robusta de piedade, forte e ternamente mariana. Compreende 516 dos 999 textos do livro, ou pouco mais da metade.

A segunda parte, como aponta o editor, abrangeria 237 textos: do capítulo dedicado à Igreja ao dos "Novíssimos". Seria um "caminhar na Igreja rumo à santidade", expressão muito querida a Escrivá, que intitulou uma de suas homilias mais célebres com essas três palavras

finais. Inclui a afirmação e a adesão à Igreja, ao seu credo e ao seu serviço, passando pelos sacramentos e devoções, até as virtudes, cuja prática, com constância e fortaleza, conduz em paz e esperança à realização daqueles mistérios finais comumente chamados de "novíssimos".

A terceira parte, finalmente, chegaria ao cume da jornada: a vontade de Deus, a relação dos filhos com seu Pai Celestial, a vocação, o apostolado e a perseverança.

Ao examinar a distribuição do conteúdo do livro proposta por Pedro Rodríguez, me veio à cabeça algo que li no ponto 382. São as palavras que o autor escreveu na primeira página de um exemplar da *História da Paixão*, do padre jesuíta Luis de la Palma, quando o entregou ao então jovem estudante de arquitetura Ricardo Fernández Vallespín, em 29

de maio de 1933. São Josemaria, como dedicatória ou mensagem, escreveu estas três frases concisas e rítmicas: "Que busques a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo". Parece-me que elas poderiam servir de título ou lema para cada uma das três partes que o *Professor* Pedro Rodríguez distingue em *Caminho*.

O estilo de *Caminho*

O percurso geral do estilo de *Caminho* é dialético ou dialógico. Na maioria dos textos, há um autor que fala e um leitor a quem se dirige. Rodríguez nos conta que, em muitas ocasiões, nas anotações de Escrivá que deram origem a pontos em *Caminho*, era ele mesmo quem se dirigia a Deus, com o espírito colocado na presença de Deus. Ou seja, contemplando os fatos, os acontecimentos, os problemas, os propósitos, tal como um homem ou

uma mulher, guiados pela Fé, os veriam a partir da perspectiva transcendental da divindade ou da Pessoa histórica e gloriosamente ressuscitada de Cristo. No livro, que é um livro "vivido", Escrivá convida seus leitores, inserindo-os num contexto encorajador e esperançoso, a elevar o olhar e as ações para esses amplos horizontes em que a piedade se torna vida, a convivência se torna caridade e o trabalho se torna serviço a Deus e aos outros. Como as pessoas da minha geração aprendiam a dizer a alguém que acabávamos de conhecer: "para servir a Deus e a você".

Os textos de *Caminho* são geralmente muito finalizados, mas sem serem artificiais. O segredo desta escrita reside no fato de os textos serem cuidadosamente ponderados e o autor ser alguém plenamente convicto do que afirma. Antes de escrever muitas dessas frases, ele

geralmente as havia visto incorporadas na experiência de alguém que apenas aspirava a cumprir a vontade de Deus e no contexto de sua vocação pessoal. A liturgia oficial definiu essa vocação de São Josemaria dizendo que Deus o fez "um pregoeiro da vocação universal na Igreja– de toda a humanidade – à santidade e ao apostolado", como lemos na oração principal da Missa de sua festa.

À sua formação teológica, jurídica, literária e espiritual, Escrivá acrescentou, como o *professor* Pedro Rodríguez enfatiza repetidamente e com propriedade, qualidades naturais excepcionais do que hoje chamamos de "comunicador". Ele era eloquente sem ser arrogante, brilhante sem ser pedante, claro sem ser familiar e simples sem ser vulgar. Com razão, já se disse dele que era um dos poucos oradores ou conversadores cujas palavras,

proferidas espontaneamente, podiam ser escritas exatamente como eram ditas, sem necessidade de corrigir seu estilo. Por todas essas razões, ele foi um escritor excelente e eficaz.

A prosa de *Caminho*, que não é apenas sua obra mais famosa, mas talvez também, juntamente com *Santo Rosário*, o mais belamente escrito de seus livros, possui uma estrutura dramática. Tipicamente, como já foi dito, seus textos apresentam um "eu" — o autor — que chama, encoraja, instrui, repreende e convida, e um "você" — o leitor — que, mesmo atendendo a essa voz, carregada de significado espiritual, não pode se fazer de surdo.

Pedro Rodríguez enfatiza a frequência dos "paradoxos" de *Caminho*, e não está errado. Mas são uma manifestação dos paradoxos essenciais do cristianismo, para o

qual a morte é vida, a guerra é paz, o pequeno é grande etc. Como se diz em *Caminho* (229) com “Jesus, que agradável é a dor e que luminosa a escuridão!”

Um recurso de um bom escritor é o uso apropriado de figuras de linguagem. Os paradoxos não são figuras de linguagem, mas sim, como diziam os antigos retóricos, figuras de pensamento. Frequentemente, são expressos em palavras por meio daquela figura de linguagem tão comum na dialética, que é a antítese. Em *Caminho*, encontram-se a cada página.

A sensação geral da escrita de *Caminho* é caracterizada por um ritmo tanto léxico quanto semântico: pão e palavra; hóstia e oração; filhos diante de seus pais; filhos de reis diante do Rei; tu diante de Deus; intransigência e intemperança; “vitórias ou derrotas... o vencedor é

derrotado” (Pedro Rodríguez observa isso frequentemente). E tudo isso através de seus passos, da intenção à execução: “Jesus nas intenções, nosso fim; nos afetos, nosso Amor”; “nas palavras, nosso tema; nas ações, nosso modelo”, etc.

Outras Fontes de *Caminho*

Das fontes literárias, a principal, como se poderia esperar, é a Sagrada Escritura, particularmente os Evangelhos, às vezes com o texto da Vulgata e outras vezes, como verificou o editor, com a tradução de Petisco e Torres Amat, embora ocasionalmente a citação seja de memória, como nos versículos dos salmos que aparecem em vários lugares ao longo da obra. O editor comparou uma a uma cada uma dessas citações e alusões. Há textos dos Evangelhos ou alusões diretas a passagens deles em cento e trinta ocasiões. Sempre da maneira

peculiar com que Escrivá costumava apresentar as palavras e cenas da história de Jesus aos seus ouvintes ou leitores.

No prólogo do livro de homilias, *É Cristo que passa*, Álvaro del Portillo afirma duas coisas que a análise do professor Rodríguez demonstra serem também válidas para *Caminho*. Uma delas é a familiaridade com Jesus e as personagens evangélicos (os Doze, as mulheres, os irmãos de Betânia, os de Emaús etc.), em que o leitor é convidado a participar, assim como o autor participou. Outra característica é que Escrivá geralmente estabelece uma conexão imediata entre a doutrina do Evangelho e a vida do cristão comum.

Cerca de trinta pontos em *Caminho* começam com uma breve passagem do Evangelho — em mais da metade dos casos, palavras de Jesus — com a

qual o Autor se dirige ao leitor, pedindo reflexão ou uma resposta. A estrutura dialógica dos textos tem dois interlocutores: a voz da Escritura, que geralmente é a de Jesus Cristo; e a voz do autor, ambos interpelando e aguardando uma resposta na forma de oração ou fatos.

O diálogo que o editor reconhece ao longo de todo o livro torna-se mais ativo e, poderíamos até dizer (na linguagem atual), interativo. Escrivá conseguiu, assim, fazer dos textos de seu livro lições para ensinar os cristãos a orar. “Orar é falar com Deus. Mas de quê?” - De quê? D’Ele e de ti: alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas!; e ações de graças e pedidos; e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te - ganhar intimidade!”, lê-se no parágrafo 91 do livro. Este texto data do final de 1938 ou início de 1939, segundo o

editor, e mostra que “para Escrivá, a ‘vida interior’, a oração de um cristão, não é uma fuga do mundo, mas sim a atenção à realidade diária em diálogo com o Senhor”.

Em outros momentos, as parábolas ou cenas do Evangelho formam o quadro geral a partir do qual emerge naturalmente um ensinamento prático, como nos parágrafos 981 e 982, que narram a força e a fidelidade das mulheres que seguiam Jesus e que, como observa Pedro Rodríguez, foram lembradas em algumas ocasiões pelo Papa João Paulo II, que citou Escrivá.

Caminho se baseia em outras fontes literárias além da Escritura. Pedro Rodríguez encontrou paralelos relativamente numerosos com os primeiros Padres da Igreja, talvez mais notavelmente com Santo Agostinho, cujas *Confissões* vêm à mente ao ler certas passagens de

Caminho. Mas também com Jerônimo, Bernardo, Gregório — que excepcionalmente é citado no texto — e outros. Em muitos desses casos, o professor Rodríguez determinou qual edição Escrivá havia lido, se no Breviário ou em um livro, e se a leu em espanhol ou latim.

É notável a inspiração oculta que alguns textos do *Caminho* recebem do *Diálogo* de Santa Catarina de Sena. Catarina é talvez o autor medieval mais frequentemente mencionado por Pedro Rodríguez, e uma das devoções pessoais declaradas de Escrivá.

Entre os escritores espirituais espanhóis do Século de Ouro, destaca-se Santa Teresa de Ávila, seguida por São João da Cruz, e outros menos conhecidos do público em geral, como o jesuíta Alonso Rodríguez, o franciscano autor do Terceiro Alfabeto Espiritual,

Francisco de Osuna e Alonso de Madri. Entre os clássicos espanhóis "seculares", o *Professor* Rodríguez cita Cervantes e Calderón de la Barca como escritores cuja influência se faz sentir no pano de fundo de *Caminho*. Lope de Vega e Quevedo também estão presentes, embora com menos frequência.

Entre os autores dos últimos dois séculos, o editor encontrou em *Caminho* e em suas fontes abundantes ecos de Santa Teresa de Lisieux e da espanhola Francisca Javiera del Valle, autora do *Decenário do Espírito Santo*. Segundo Pedro Rodríguez, entre os escritores espirituais daquela época que Escrivá certamente conhecia e talvez até tenha lido atentamente, estavam Chautard, Raúl Plus, Columba-Marmion e o biógrafo do jesuíta irlandês, P. Doyle, entre muitos outros.

As pessoas, os trabalhos, a natureza

Escrivá, afirma o editor, era um observador perspicaz, atento às realidades mais tangíveis da vida humana, dos trabalhos e do cotidiano, e da Natureza. Quase trinta anos após a publicação de *Caminho*, em sua homilia “Amar o Mundo apaixonadamente”, Escrivá recordou que "costumava dizer aos universitários e aos operários que me procuravam na década de 1930 que precisavam saber materializar a vida espiritual". Que não deveriam "levar uma vida dupla, a de relacionamento com Deus... e a vida familiar, profissional e social, repleta de pequenas realidades terrenas. Encontramos esse Deus invisível nas coisas mais visíveis e materiais".

O autor de *Caminho* nos ensinava a encontrá-Lo nas coisas comuns da vida que, ao observá-las, o

conduziam a Deus ou a enxergar, em imagens reais, a dimensão sobrenatural das realidades terrenas. São as histórias do burrinho girando uma roda d'água; dos pescadores e anzóis; dos parafusos e máquinas; do menino e os braços ou bolsos de seu pai; de barcos e redes; da agulha com ou sem linha; dos grãos de trigo que morrem e germinam; das folhas mortas que caem; das molas comprimidas; do tamanho das sementes; da pedra no lago; da paisagem das montanhas uma após a outra; da contabilidade empresarial etc.

Dezenas desses exemplos vívidos e expressivos, dentro do contexto em que Escrivá os insere, já estavam presentes nas duas primeiras edições, de 1932 e 1933, e em vários casos, como ilustrações, serviram a São Josemaria para explicar sua oração ou seu propósito. Isso demonstra que a unidade da vida,

que Escrivá deseja proclamar ao mundo inteiro, era um objetivo que ele perseguia desde o início de seu ministério sacerdotal.

O *Caminho*, de Pedro Rodríguez, é escrito com elegância e clareza discreta. É uma leitura recomendada para aqueles que desejam compreender o funcionamento interno da gestação e culminação do best-seller espiritual do século XX. Mas é uma referência essencial para homens e mulheres que pretendem falar sobre Escrivá, seu espírito e sua obra no mundo onde, como afirma a liturgia oficial da Igreja, ele foi o pregoeiro de uma vocação para a qual todos os cristãos são chamados.

O *Caminho* apresentado nesta edição é um *Caminho* explicado, que permanece o mesmo de sempre, mas que, ao mesmo tempo, parece novo. É um livro que aborda situações humanas tão variadas quanto a

própria vida. Mas não é um livro que dispersa. É um livro “vivido”, extraído da vida, e que visa descobrir um sentido cristão da vida humana, dos acontecimentos e das coisas. É um livro para ser lido em diálogo com aquele Deus que parece pulsar em cada frase, e com o próprio autor. O Prelado que escreveu algumas linhas de prefácio à primeira edição, não sei se plenamente consciente do alcance de sua frase, por considerá-la ambígua, escreveu: “Por trás de cada sentença há um santo que vê a nossa intenção e aguarda nossas decisões”.

O tempo deu razão ao padre Javier Lauzurica.